



Arabismos documentados em *Ataliba, o Vaqueiro*

Arabic loanwords in *Ataliba, o Vaqueiro*

Samantha de Moura Maranhão¹

<https://orcid.org/0000-0003-4741-5628>

Resumo: Este estudo sobre os arabismos da obra *Ataliba, o Vaqueiro*, (CASTELO BRANCO, 2012 [1880]) busca responder à questão: o que caracteriza arabismos do português brasileiro, conforme representados na referida obra? Testaram-se as hipóteses: 1. são sobretudo arabismos ibéricos; 2. ocorrem em campos semânticos variados e 3. predominam os substantivos com estrutura mórfica simples. O aporte teórico é da Filologia Árabo-Românica, realizando-se coleta manual dos dados, cuja origem árabe foi corroborada em dicionários diversos (VARGENS, 2007; CORRIENTE, 2003; MICHAËLIS, 1998; FERREIRA, 1999; HOUAISS; VILLAR, 2001). Um glossário com as lexias, informações gramaticais e etimológicas, acepção textual e abonação apresenta os dados. Os resultados corroboram as hipóteses testadas.

Palavras-chave: Português Brasileiro; Arabismos; Piauí; Lexicologia; Lexicografia.

Abstract: This study about Arabisms in 'Ataliba, o Vaqueiro' (CASTELO BRANCO, 2012 [1880]) aims to answer the research problem: what characterizes Arabic loanwords in Brazilian Portuguese? The tested hypothesis were: 1. most of the loanwords are Iberian Arabisms; 2. the Arabisms are organized in different semantic fields and 3. nouns with a simple morphological structure are more numerous. This research is based on Arabo-Romance Philology, with the data manually collected and the Arabic origin of the words confirmed in different dictionaries (VARGENS, 2007; CORRIENTE, 2003; MICHAËLIS, 1998; FERREIRA, 1999; HOUAISS; VILLAR, 2001). A

¹Universidade Federal do Piauí. E-mail: samantha.ufpi@gmail.com

glossary presents the data with grammar and etymological information on them, their meaning in the text and passages in which they occur. The results confirmed the tested hypothesis.

Keywords: Brazilian Portuguese; Arabisms; Piauí; Lexicology; Lexicography.

Introdução

Este estudo tem por objeto arabismos do português brasileiro, especificamente aqueles documentados na obra romântica *Ataliba, o Vaqueiro*, publicada por Francisco Gil Castelo Branco no ano de 1880 pela Tipografia Cosmopolita, do Rio de Janeiro.

Tem por objetivo identificar os arabismos em uso, conhecer os campos semânticos em que se organizam e a estrutura mórfica com que se apresentam. Busca responder, portanto, a questão: o que caracteriza arabismos do português do Nordeste, representado na obra *Ataliba, o Vaqueiro*? As hipóteses testadas são: 1. a de que se trata sobretudo de arabismos ibéricos, de antiga integração no sistema lexical da língua portuguesa; 2. a de que os arabismos ocorrem em campos semânticos variados, quais o do vestuário, o da alimentação, o de utensílios e o de animais e 3. a de que os substantivos com estrutura mórfica básica estão numericamente melhor representados.

Os fundamentos teóricos são da Filologia Árabo-Românica, realizando-se, no que respeita à metodologia da pesquisa, a coleta manual dos dados, cuja origem árabe foi corroborada em produtos lexicográficos especializados (FRANCA, 1994; VARGENS, 2007; CORRIENTE, 2003; CORRIENTE, 2013), bem como em dicionários gerais de língua portuguesa (MICHAËLIS, 1998; FERREIRA, 1999; HOUAISS; VILLAR, 2001). Apresentam-se os dados em glossário, cujos verbetes trazem, para cada lexia documentada, informações gramaticais e abonação extraídas do *corpus*.

1 Metodologia

Com o propósito de se analisarem arabismos do português do Brasil, vimos levantando empréstimos e estrangeirismos árabes em diferentes obras brasileiras, ficcionais ou acadêmicas. Para o estudo que ora apresentamos, realizamos a coleta de dados no romance romântico *Ataliba, o Vaqueiro*, da autoria do escritor piauiense Francisco Gil Castelo Branco,

valendo-nos da 10ª edição, revista e atualizada, com base na 3ª edição, pelos professores Fabiano de Cristo Rios Nogueira, Maria Gomes Figueiredo dos Reis, Maria do Socorro Rios Magalhães, Maria do Perpétuo Socorro Neiva Nunes do Rêgo, responsáveis por estudo bibliográfico e pela revisão do texto da obra. Esta edição veio a lume em Teresina em 2012 pela Fundação Quixote.

A publicação original foi divulgada em folhetim para, no ano de 1880, ser reunida em volume e publicada pela Tipografia Cosmopolita, no Rio de Janeiro. O enredo está ambientado no sertão do Piauí fronteiro ao Ceará, documentando, portanto, uma variedade regional do português brasileiro, mormente no que concerne ao vocabulário, designativo da realidade extralinguística nele descrita.

Realizamos manualmente a coleta dos empréstimos de origem árabe, com o concurso de produtos lexicográficos especializados (FRANCA, 1994; CORRIENTE, 2003; VARGENS, 2007; CORRIENTE, 2013) e gerais (MICHAËLIS, 1988; FERREIRA, 1999; HOUAISS, VILLAR, 2001).

Observada a norma comum a que o vocabulário pertence, optamos pela simplificação dos verbetes, os quais trazem a lexia na entrada, na sua forma masculina singular para substantivos, adjetivos e participios passados com função adjetiva e na forma infinitiva para os verbos. Não verificadas nas abonações as referidas formas não marcadas, estas vêm apresentadas entre colchetes.

Além das lexias levantadas, os verbetes apresentam a classe de palavra dos arabismos e abonações. As abreviaturas empregadas nos verbetes são: m. masculino; f. feminino; s. substantivo; adj. adjetivo; adv. advérbio; v. verbo; part. pas. com função adj. participio passado com função adjetiva. As abonações foram transcritas como constam na edição supracitada, entre aspas, com três pontos entre parênteses para indicar recortes no texto. Eventualmente, para garantir clareza na leitura do fragmento, inserimos o sujeito da oração entre colchetes. Em seguida da abonação, indica(m)-se a(s) página(s) em que se localiza, na edição consultada, como se pode ver nos exemplos abaixo.

[Alforje] – s.m. “(...) suspendendo à mão direita um par de *alforjes*.” (p. 49);

[Arrebatado] – part. pas. com função adj. “Teresinha *arrebatada* nesta atitude (...)” (p. 71).

[Embaraçar] – v. “(...) sua presença *embaraçava* Ataliba (...)” (p. 45).

Faca – s.f. “[A fera] buscava espedaçar entre as suas garras de bronze o aço puro da *faca* (...)” (p. 100).

Ainda considerando a norma comum a que pertencem os arabismos analisados, optou-se por descrever e/ou comentar mais pormenorizadamente apenas alguns dos vocábulos levantados, seja pelo seu uso menos frequente, seja por alguma peculiaridade mórfica.

2 Arabismos em *Ataliba, o Vaqueiro*

O levantamento dos empréstimos árabes documentados na obra *Ataliba, o Vaqueiro* (CASTELO BRANCO, 2012) resultou no glossário abaixo, com 56 lexias.

[Achaque] – s.m. “Não; isto são os meus *achques* (...)” (p.83).

[Açoitar] – v. “(...) horrores da desgraça que *açoitava* já o teto da sua cabana.” (p. 82); “Um vento tépido, sufocante, (...) *açoitava* as árvores, arrebatando-lhes as últimas folhas tostadas (...)” (p. 87); “A onça (...) *açoitou* o chão com a cauda (...)” (p. 99-100).

Açougue – s.m. “(...) vamo-nos embora deste *açougue*.” (p. 92).

Açúcar – s.m. “Uma libra de *açúcar mascavinho*... garrafa de azeite doce...” (p. 54).

[Afagar] – v. “Depois, mudando o tom e *afagando* a filha, disse (...)” (p. 93); “Ataliba (...) tomou ao colo sua noiva, *afagava-a*, (...) beijou-a (...)” (p. 98).

[Afago] – s.m. “(...) habituado aos seus *afagos*, estava deitado aos seus pés (...)” (p. 70).

Ajoujar – v. “Ataliba foi (...) buscar o carrão (...) composto por duas rodas (...) presas em um grande eixo, donde parte um braço para se *ajoujar* os animais que o arrastavam” (p. 93).

Alazão – s.m. “Mas o *alazão* tem estado aguado (...)” (p. 37); “O *alazão* espetou-se no toco?” (p. 38); “(...) não se esquecendo também do *alazão* de Ataliba.” (p. 82); “Depois de preparar os animais e arranjar com a rede e o surrão do africano um cômodo para a moreninha à garupa do *alazão* (...), o vaqueiro fez um sinal à moça (...)” (p. 106-107); “Ataliba descera Teresinha, apresentando o *alazão* os mesmos indícios de fraqueza e rolando extenuado poucos passos adiante.” (p. 110).

[Alfinete] – s.m. “Duas meadas de linha... duas cartas de *alfinetes*... um papel de agulhas curtas.” (p. 53).

[Alforje] – s.m. “(...) suspendendo à mão direita um par de *alforjes*.” (p. 49); “Cassange (...) atrapalhou-se nos *alforjes* e foi beijar a poeira do chão.” (p. 49); “É que o velho nunca as esquecia, encontrava sempre no fundo das algibeiras, ou no antro dos *alforjes*, uma fruta, um brinquedo, um agrado qualquer (...)” (p. 51); “Adiante do preto, sobressaíam os enormes *alforjes* (...)” (p.

57); O trem do africano, os arreios, o surrão, a borracha de campo bem provida e os *alforjes* estavam ali pendurados (...)." (p. 104); "(...) ele sacou dos *alforjes* um maço de algodão (...)." (p. 104).

Algazarra – s.f. "O alarido atingiu a última nota superior da *algazarra* (...)." (p. 49).

Algibeira – s.f. "Estão aqui na minha *algibeira*." (p. 40); "Ataliba sacara da *algibeira* um rolo de pavio de cera de abelhas (...)." (p. 43); "É que o velho nunca as esquecia, encontrava sempre no fundo das *algibeiras*, ou no antro dos alforjes, uma fruta, um brinquedo, um agrado qualquer (...)." (p. 51).

Algodão – s.m. "(...) e o decantado papa-fogo (...), contendo *algodão* e outras matérias inflamáveis." (p. 43); "Cassange, que havia despido o vestuário de couro e ficado em ceroulas de *algodão da terra* (...) armava e temperava o seu berimbau (...)." (p. 54); "Nestes momentos, (...) uma mescla de *algodão* que a brisa suspende nos ares (...), tudo (...) fala ao coração (...)." (p. 69); "(...) o cabo de uma faca sobressaía do cós da ceroula de *algodão* (...)." (p. 71); "A sua espingarda, levando no ponto de mira um capuz de *algodão* para melhor firmar a pontaria, ia com a coronha descansada no estribo (...)." (p. 94); "(...) ele sacou dos alforjes um maço de *algodão* (...)." (p. 104); "(...) ela embebia o *algodão* na aguardente diluída (...)." (p. 104).

Almofada – s.f. "Eram a *almofada* de renda e o estojo de costura da moreninha, o seu cabedal produtivo." (p. 45); "(...) e fingia não prestar atenção ao esquecimento em que permaneciam a sua *almofada* e os outros seus trabalhos domésticos." (p. 61).

[Alvoroçado] – part. pas. com função adj. "Deodata (...) *alvoroçada* abraçou o sertanejo (...)" (p. 48).

Alvoroço – s.m. "Cassange, porém, atribuía todo este *alvoroço* à sua chegada (...)." (p. 49); "(...) os perus (...) abrem as caudas em sinal de *alvoroço* (...)." (p. 59).

Âmbar – s.m. "De repente, Teresinha sentiu calafrios, ficou pálida como o *âmbar* (...)." (p. 111).

Amofinar – v. "Não vale a pena a gente *amofinar-se*." (p. 62).

[Aquilatar] – v. "Teresinha não *aquilatava* com precisão a hediondez da desgraça que rugia sobre aquelas cabeças (...)." (p. 69).

[Arfar] – v. "os seus seios *arfavam* (...)." (p. 60).

[Arrebatado] – part. pas. com função adj. "Teresinha *arrebatada* nesta atitude (...)." (p. 71).

Arrebatamento – s.m. "O velho obedeceu-lhe, mas a evocação da desventura arrefecera o seu *arrebatamento* (...)." (p. 92).

[Arrebatat] – v. "(...) quando ela convulsiva, furtiva e assustada por esse acesso que agitava seu noivo, *arrebatando*-a igualmente, levantou-se (...)." (p. 71); "Um vento tépido, sufocante, (...) açoitava as árvores, *arrebatando*-lhes as últimas folhas tostadas (...)." (p. 87).

[Arrefecer] – v. “O velho obedeceu-lhe, mas a evocação da desventura *arrefecera* o seu arrebatamento (...)” (p. 92).

Arrozal – s.m. “(...) assemelhava-se à frágil haste do *arrozal* (...)” (p. 86).

Azeite – s.m. “Preparava-os à luz do *azeite* (...)” (p. 45); “Uma libra de açúcar mascavinho... garrafa de *azeite doce*...” (p. 54); “A paca que Dionísio trouxera figurava, enopada com *azeite de coco*, entre um leitão e dois frangos assados.” (p. 64).

Azul – adj. “(...) porque reluziam acolá seis pratos *azuis*, seis colheres de chumbo, dois talheres, quatro tigelas de várias dimensões (...)” (p. 45); “(...) o céu tingia-se de cores vivas e resplandecentes, destacando-se um fundo *azul* (...)” (p. 58); “(...) línguas de fogo pulverizando-os em chamas *azuis* (...)” (p. 102).

[Baldado] – part. pas. com função adj. “(...) mas *baldados* foram os seus esforços.” (p. 85).

[Beduíno] – s.m. “(...) percorrem as grandes distâncias do sertão, como *beduínos* no deserto.” (p. 73).

[Cabide] – s.m. “Vários ganchos (...) substituíam as funções de excelentes *cabides*.” (p. 44).

Ceroula – s.f. “Cassange, que havia despido o vestuário de couro e ficado em *ceroulas* de algodão da terra (...) armava e temperava o seu berimbau (...)” (p. 54); “(...) o cabo de uma faca sobressaía do cós da *ceroula* de algodão (...)” (p. 71); “Depois, (...) arregaçaram as *ceroulas* e continuaram o trabalho (...)” (p. 77).

Cofre – s.m. “(...) as filigranas que formam o *cofre* sagrado onde ela encerra o seu segredo (...)” (p. 39).

Debalde – adv. “A morena perturbou-se e *debalde* procurou ocultar-lhe a sua comoção (...)” (p.70).

[Embaraçado] – part. pas. com função adj. “(...) a moreninha sentia-se *embaraçada* na presença do vaqueiro (...)” (p. 62); “Teresinha ficou *embaraçada* com esta ordem.” (p. 90).

[Embaraçar] – v. “(...) sua presença *embaraçava* Ataliba (...)” (p. 45).

Enxaqueca – s.f. “Ela queixava-se de forte *enxaqueca* (...)” (p. 83).

Faca – s.f. “Ataliba (...) foi procurar a *facas* (...)” (p. 98); “O vaqueiro (...) puxou da bainha a sua faca e aguardou o inimigo” (p. 100); “Em vão, também, o sertanejo procurava introduzir a sua *facas* nas entranhas da fera (...)” (p. 100); “[A fera] buscava espedaçar entre as suas garras de bronze o aço puro da *facas* (...)” (p. 100); “Bramia a fera quando a ponta da *facas* lhe cortava, embora de leve, as carnes (...)” (p. 101); “[A fera] (...) depara sempre com a ponta da *facas* a frustrar-lhe a agilidade (...)” (p. 101); “A *facas* do vaqueiro engolfara-se por fim no coração da fera (...)” (p. 101); “Dionísio, levando como lembranças do vaqueiro a sua *facas* e a espingarda, assentou o africano no animal em que viera.” (p. 115).

[Façanha] – s.f. “(...) contam as suas *façanhas* e os triunfos obtidos nas matas e nos campos (...)” (p. 61).

Facão – s.m. “(...) na cintura trazia o seu *paraíba*, isto é, um *facão* de má qualidade metido na bainha da sola (...)” (p. 71).

[Fanar] – v. “Mas vira *fanarem-se* as boninas silvestres, sumirem-se as rolinhas do terreiro, secarem-se as águas do terreiro (...)” (p. 69).

Folgazão – adj. “Humilde e *folgazão*, prestimoso e leal, o africano era estimado de todos (...)” (p. 51); “O africano, apesar do seu gênio *folgazão*, ficou acabrunhado um momento (...)” (p. 63).

Garrafa – s.f. “Uma libra de açúcar mascavinho... *garrafa* de azeite doce...” (p. 54); “A velha levou a *garrafa* ao nariz e prosseguiu no seu exame.” (p. 54); “(...) nem havia quem o excedesse quando (...) vazava a *garrafa* de cachaça.” (p. 61); “(...) ele sacou dos alforjes (...) uma *garrafa* de cachaça (...)” (p. 104); “O africano (...) enchendo a sua *garrafa* de cachaça (...) entregou o restante da borracha de campo a seu amo (...)” (p. 106); “(...) o africano repartira a sua insignificante ração d’água, restando-lhe apenas um pouco no fundo da *garrafa* (...)” (p. 110); “Em vão o africano corria atrás do vaqueiro para lhe entregar as últimas gotas d’água que continha a sua *garrafa* (...)” (p. 111).

[Garrafão] – s.m. “(...) voltou Cassange, trazendo no arçõ da sela um *garrafãozinho* de cachaça (...)” (p. 63).

Gibão – s.m. “(...) o seu *gibão* e o seu chapéu com trancelim e borlas de fios de cor eram de finas peles de bezerro (...)” (p. 36); “(...) o *gibão*, atado ao pescoço por duas correiazinhas, pendia-lhe negligentemente sobre as largas espáduas (...)” (p. 71); “Ataliba foi selar o cavalo, vestir o *gibão* e as pernas (...)” (p. 93); “O vaqueiro (...) meteu o seu chapéu de couro por cima do *gibão* (...)” (p. 100).

Laranja – adj. “O africano meditou um instante – então descobriu-se o garrote *laranja*?” (p. 55).

[Mascarado] – part. pas. com função adj. “(...) tremeluzindo em um sorriso meigo nos lábios *mascarados* da donzela todas as suas virtudes (...)” (p. 71).

[Nacarado] – part. pas. com função adj. “(...) o horizonte resplandecente de nuvens *nacaradas* atraía a atenção (...)” (p. 34).

Papagaio – s.m. “Olha, olha este *papagaio*, rapariga, como está parecido.” (p. 53).

Surrão – s.m. “(...) ele apareceu na sala carregando ao ombro esquerdo um *surrão* de carneiro (...)” (p. 49); “Cassange encavacou (...) e disfarçou o seu fiasco, abrindo o *surrão* e tirando os embrulhos da tia Deodata.” (p. 49); “O seu berimbau ali vinha sobre dois *surrões* (...)” (p. 57); “Ele trazia ao ombro (...) o seu *surrão* contendo toda a sua riqueza (...)” (p. 71); “O trem do

africano, os arreios, o *surrão*, a borracha de campo bem provida e os alforjes estavam ali pendurados (...)" (p. 104); "Depois de preparar os animais e arranjar com a rede e o *surrão* do africano um cômodo para a moreninha à garupa do alazão (...), o vaqueiro fez um sinal à moça (...)." (p. 106-107).

Tabaco – s.m. "(...) entupia a cada instante as fossas nasais de fartas pitadas do seu formidável corniboque, aparelho idêntico ao papa-fogo, contendo porém *tabaco* em vez de isca (...)." (p. 83).

Tagarelice – s.f. "Depois de ouvir uma tremenda repreensão da tia Deodata por causa da sua *tagarelice* (...)." (p. 63).

Tamborete – s.m. "(...) satisfeito, ele indicava o veadinho debaixo do *tamborete*." (p. 55); "(...) a moça apanhou instintivamente o pavio que ardia no *tamborete* e correu após o velho." (p. 101-102).

Taramela – s.f. "Mas a tia Deodata (...), com as mãos nas cadeiras, deu à *taramela*." (p. 55).

Tarefa – s.f. "(...) entoando alegres cantigas (...) preenchia a *tarefa* do serão quotidiano (...)." (p. 45).

Tigela – s.f. "(...) porque reluziam acolá seis pratos azuis, seis colheres de chumbo, dois talheres, quatro *tigelas* de várias dimensões (...)." (p. 45); "Nas *tigelas* transbordava a obrigativa coalhada (...)." (p. 64); "Vou beber uma *tigela* de fedegoso misturado com um nadinha de café e duas cascas de fumo (...)." (p. 83).

Xale – s.m. "(...) estava enrolada no seu famoso xale de lã (...)." (p. 83).

Corriente (2003, p. 106) dicionariza *ajoujo* ~ *ajoiço* como arabismo português com a mesma acepção com que ocorre em nosso *corpus*, 'estrutura para emparelhar animais'. Vocábulo de origem grega, em que originalmente significava 'esposo', evocando a ideia de 'par', foi introduzido no árabe por intermédio da língua aramaica, chegando ao árabe andalusino e deste para o português. Corriente (2003, p. 106) informa os derivados intrarromânicos do português *ajoujar* e *desajoujar*.

Alforje ocorre em *Ataliba, o vaqueiro* (CASTELO BRANCO, 2012) com a mesma acepção medieval, de 'bolsa dupla para se carregar na garupa de cavalgaduras' (CORRIENTE, 2003, p. 164). Trata-se de forma presente em diversos falares ibéricos, nomeadamente aragonês, castelhano, catalão, navarro e galego.

Sobre *algibeira*, Corrientes (2003, p. 171) informa tratar-se de 'bolso', como mesmo sentido do étimo árabe, acrescido de sufixo românico, o que o torna um vocábulo híbrido.

Amofinar encontra-se em Corriente (2003, p. 212, 393), como derivado

intrarromânico, de *mofino* ‘desgostoso’, cujo étimo árabe significava ‘ofendido’.

Para *arrefecer*, ‘perder interesse, diminuir’, Corriente (2003, p. 418) aponta derivação intrarromânica pautada em *refece* (~ ant. *rafez*), ‘vil, miserável’, e *arrefece*, ‘a baixo preço’. Tem origem em étimo andalusino com o significado de ‘barato’.

Corriente (2003, p. 254) dicionariza as formas portuguesas *de balde*, *em balde* e os derivados intrarromânicos (*a)baldar*, *abaldeirado*, *baldio* e *baldo(so)* como cognatos do ár. and. *bátil* ‘inútil, gratuitamente’ < ár. clás. *bātil(an)* ‘inutil(mente)’. No árabe andalusino já funcionava como adjetivo ou advérbio. Na obra *Ataliba, o vaqueiro* (CASTELO BRANCO, 2012), verifica-se o seu sujeito às flexões de gênero e número da morfossintaxe da língua importadora (*baldados os seus esforços*), bem como ocorre o advérbio *debalde*.

Corriente (2003, p. 315) afirma que *fanar*, ‘mutilar, amputar’, documentado em português e em galego, ainda apresenta problemas de estabelecimento de étimo. Parece relacionar-se o seu conteúdo à prática judaico-islâmica da circuncisão, considerada uma mutilação pelos adeptos do cristianismo. É provável origem em étimo árabe com sentido de ‘circuncisão’ acrescido dos morfemas românicos de infinitivo verbal da primeira conjugação portuguesa.

Já sobre *gibão*, peça de vestuário, é variante de *aljuba* ‘veste de manga curta’, com diferentes vias de transmissão: árabe andalusina esta última (ár. and. *aljúbba* < ár. clás. *jubbah*), Itália ou Provença a primeira (neoár. *jibbah*), cujo étimo existe em diversos dialetos, mas não no árabe andalusino (CORRIENTE, 2003, p. 334, 180).

Surrão está dicionarizado em Corrientes (2003, p. 441) como ‘mochila’, tratando-se de aumentativo românico do ár. and. *súrra* < ár. cl. *surrah* ‘bolsa’.

Taramela, ‘trava de porta’, é forma cognata de *tagarela*, esta última, originalmente, um ‘espantalho sonoro’, com evolução semântica e provavelmente por analogia com formas fônicas próximas designativas do novo significado (CORRIENTE, 2003, p. 453).

Mencione-se apenas que o nome do cavalo de uma das personagens da obra *Ataliba, o vaqueiro* (CASTELO BRANCO, 2012), *Fidalgo*, embora forma neolatina, é um decalque árabe, língua em que são comuns construções como *filho da noite* para ‘ladrão’ e *filho de algo* para ‘fidalgo, homem nobre, aristocrata’, literalmente, ‘filho com algum recurso material/bens’ (LAPESA apud MARANHÃO, 1996). Na referida obra, ocorre, por exemplo, “Trotando no seu *Fidalgo*” à p. 72.

Os 56 arabismos colhidos na obra *Ataliba, o vaqueiro* (CASTELO BRANCO, 2012) são arabismos ibéricos de antiga integração ao sistema lexical da língua portuguesa, como atestam a flexão de gênero e de número em substantivos, adjetivos e participios passado com função

adjetiva (*afagos, embaraçada, nacaradas, tigelas*) e a derivação (*arrozal de arroz, baldado de baldio, de onde também *debalde*; tagarelize de tagarela; garrafãozinho de garrafa, os verbos afagar de afago; aquilatar de quilate, etc.*), características de adaptação morfológica.

Dentre as classes de palavras representadas, estão 36 substantivos (*[achaque], açougue, açúcar, [afago], alazão, [alfinete], [alforje], algazarra, algibeira, algodão, almofada, alvoroço, âmbar, arrebatamento, arrozal, azeite, [beduíno], [cabide], ceroula, cofre, enxaqueca, faca, facão, façanha, garrafa, [garrafão], gibão, papagaio, surrão, tabaco, tagarelize, tamborete, taramela, tarefa, tigela, xale*); 10 verbos (*[açoitar], [afagar], ajoujar, amofinar, aquilatar, arfar, arrebatar, arrefecer, [embaraçar], [fanar]*); 06 participípios passados com função adjetiva (*[alvoroçado], [arreatado], [baldado], [embaraçado], [mascarado], [nacarado]*); 03 adjetivos (*azul, folgazão, laranja*) e 01 advérbio (*debalde*).

Quadro 01 – Classes de palavras dos arabismos em *Ataliba, o vaqueiro*.

CLASSE DE PALAVRAS	NÚMERO DE ITENS	PERCENTUAL
Substantivos	36	64
Verbos	10	18
Adjetivos e Participípios com função adjetiva	09	16
Advérbio	01	02
TOTAL	56	100

Fonte: A autora.

Dos processos de contato cultural resultam empréstimos lexicais, designativos de referentes da cultura estrangeira, de modo que a categoria gramatical melhor representada costuma ser a dos substantivos. Observe-se que, dentre os arabismos descritos, esta é a classe a que pertence a maior parte. Com efeito, somados, verbos, adjetivos e participípios com função adjetiva atingem 36% do total, pouco mais do que a metade dos substantivos, que totalizam 64%.

Adquirem-se, inicialmente, formas básicas, as quais, após sofrerem adaptação fonológica (estrutura silábica, acento) e morfológica (gênero, plural), estão disponíveis no léxico

e sujeitas a formação de novas palavras (por meio dos processos de composição e de derivação), designando novos referentes, quando também podem entrar em ação processos semânticos (expansão semântica). Têm-se, então, terminologias, neologismos, etc., na dinâmica das línguas em uso, tão vivas quanto as comunidades que as falam.

Dentre os arabismos ora analisados, 32 das 56 formas são básicas (*[achaque]*, *açougue*, *açúcar*, *[afago]*, *alazão*, *[alfinete]*, *[alforje]*, *algazarra*, *algibeira*, *algodão*, *almofada*, *alvorço*, *âmbar*, *azeite*, *azul*, *[beduíno]*, *cabide*, *ceroula*, *cofre*, *enxaqueca*, *faca*, *façanha*, *garrafa*, *gibão*, *laranja*, *papagaio*, *surrão*, *tabaco*, *taramela*, *tarefa*, *tigela*, *xale*), em oposição às 24 formas derivadas (*[açoiar]*, *[afagar]*, *ajoujar*, *[alvorçado]*, *amofinar*, *[aquilatar]*, *[arfara]*, *[arreatado]*, *arreatamento*, *[arreatar]*, *[arrefecer]*, *arrozal*, *[baldado]*, *debalde*, *[embarçado]*, *[embarçar]*, *facão*, *[fanar]*, *folgazão*, *[garrafão]*, *[mascarado]*, *[nacarado]*, *tagarelice*, *tamborete*). Não se verificam arabismos resultantes de processo de composição.

Quadro 02 – Estrutura mórfica dos arabismos em *Ataliba, o vaqueiro*.

ESTRUTURA MÓRFICA	NÚMERO DE ITENS	PERCENTUAL
Formas básicas	32	57
Formas derivadas	24	43
TOTAL	56	100

Fonte: A autora.

É comum nos arabismos portugueses a presença do artigo aglutinado ao substantivo, como consequência de processo diacrônico verificado no árabe andalusino, isto é, na variedade oral, popular, da língua árabe falada no território muçulmano da Península Ibérica, Alandalus (NOLL apud MARANHÃO, 2011, p. 113-114). A população cristã falante do romandalusino, o romance de Alandalus, exerceu importante papel na transmissão de arabismos aos falares cristãos nortenhos. Àquele momento, constituíam adstratos, com inevitáveis interferências mútuas, os romances ibéricos (inclusive o judeu-espanhol), variedades distintas do árabe (andalusino, norte-africano, corânico), o hebraico e o latim (MARANHÃO, 2018, p. 129-134).

A maioria dos substantivos de origem árabe documentados em *Ataliba, o vaqueiro* (CASTELO BRANCO, 2012), entretanto, não apresenta o fenômeno da aglutinação do artigo. Dos 36 itens lexicais em questão, 15 trazem o artigo aglutinado (*[achaque]*, *açougue*, *açúcar*, *[afago]*, *alazão*, *[alfinete]*, *[alforje]*, *algazarra*, *algibeira*, *algodão*, *almofada*, *alvorço*,

arrebatamento, arrozal, azeite), contra 21 em que o referido processo não se verifica (*âmbar, [beduíno], [cabide], ceroula, cofre, enxaqueca, faca, [façanha], facção, garrafa, [garraão], gibão, papagaio, surrão, tabaco, tagarelice, tamborete, taramela, tarefa, tigela, xale*). Este resultado sugere a herança de arabismos ibéricos adquiridos tanto por meio direto, oral, popular, quanto por meio indireto, de terminologias específicas, da química, da medicina e da administração. A intermediação de falantes do romance andalusino nas traduções do árabe para o latim concorreram para a ocorrência da aglutinação nas terminologias transmitidas pela escrita (LÜDTKE, 1974, p. 85 e HALL JR., 1971, p. 98 apud MARANHÃO, S. de M., 1996, p. 13).

Quadro 03 – Aglutinação do artigo nos arabismos de *Ataliba, o vaqueiro*.

AGLUTINAÇÃO DO ARTIGO	NÚMERO DE ITENS	PERCENTUAL
Com artigo aglutinado	15	42
Sem artigo aglutinado	21	58
TOTAL	36	100

Fonte: A autora.

Os arabismos em *Ataliba, o Vaqueiro* (CASTELO BRANCO, 2012) se distribuem por 14 campos semânticos, assim descritos:

- i) Ações: *[açoitar], [afagar], ajoujar, amofinar, [aquilatar], [arfar], [arrebatat], [arrefecer], [embaraçar], [fanar]*.
- ii) Utensílios domésticos: *[alfinete], almofada, [cabide], cofre, faca, facção, garrafa, [garraão], tamborete, taramela, tigela*.
- iii) Vestuário e acessórios: *[alforje], algibeira, ceroula, gibão, surrão, xale*.
- iv) Emoção, sentimentos e características psíquicas: *[afago], [alvoroçado], [arrebatado], [baldado], [embaraçado], folgazão*.
- v) Ruído, confusão, estupefação: *algazarra, alvoroço, arrebatamento, [façanha], tagarelice*.
- vi) Agricultura e seus produtos: *açúcar, algodão, arrozal, azeite, tabaco*.
- vii) Características físicas: *azul, laranja, [mascarado], [nacarado]*.
- viii) Saúde: *[achaque], enxaqueca*.
- ix) Animais: *alazão, papagaio*.

- x) Estabelecimento: *açougue*.
- xi) Natureza: *âmbar*.
- xii) Povo, etnônimo: [*beduíno*].
- xiii) Trabalho, serviço: *tarifa*.
- xiv) Modo: *debalde*.

A análise dos campos semânticos aponta a predominância de vocábulos designativos de referentes usuais no lar, seguidos por aqueles designativos de ações, pelas peças do vestuário e pelas emoções. Considerando-se a literatura sobre arabismos ibéricos medievais, observe-se que: o inventário de verbos decorrentes de derivação aumentou, pois para o Medievo fala-se apenas em *recamar* e no hoje descartado *matar* (VASCONCELOS, 1956, p. 304-305).

O vocabulário da vestimenta remete a peças já não mais em uso no século XXI, e que talvez demandem do leitor mais jovem uma consulta ao dicionário para lidar com a sua designação (*alforje*, *algibeira*, *surrão*). O *gibão* é peça de uso rural, sertanejo, caricaturado do homem nordestino. O *xale* e as *ceroulas* são peças de uso de moradores de climas menos tórridos, embora os termos ainda integrem a língua comum.

Os campos da agricultura e seus produtos e dos utensílios domésticos são constituídos por vocábulos de uso corrente. Formas como *folgazão* e o uso com função adjetiva do particípio passado dos verbos elevam o número de arabismos com função qualificativa, quando para o português arcaico um dos poucos exemplos de adjetivo de origem árabe é *mesquinho* (VASCONCELOS, 1956, p. 304).

Uma análise quantitativa dos arabismos analisados por campo semântico é exposta no quadro 04, a seguir.

Quadro 04 – Campos semânticos dos arabismos de *Ataliba, o vaqueiro*.

Campo Semântico	Número de itens	Percentual
Utensílios domésticos	11	19,6
Ações	10	17,9
Vestuário e acessórios	06	10,7
Emoção, sentimentos, características psíquicas	06	10,7
Ruído, confusão, estupefação	05	8,9

Agricultura e seus produtos	05	8,9
Características físicas	04	7,1
Saúde	02	3,6
Animais	02	3,6
Estabelecimento	01	1,8
Natureza	01	1,8
Povo, etnia	01	1,8
Trabalho, serviço	01	1,8
Modo	01	1,8
TOTAL	56	100

Fonte: A autora.

Comparando os arabismos coligidos em *Ataliba, o vaqueiro* (CASTELO BRANCO, 2012) com estudo de Sousa e Maranhão (2016) sobre arabismos ibéricos que no português brasileiro adquiriram novas acepções e estão dicionarizados com a marcação diassistêmica de “brasileirismo” no *Léxico Português de Origem Árabe: subsídios para estudos de filologia* (VARGENS, 2007), reiteramos o caráter conservador dos arabismos ora estudados.

Na herança ibérica “aclimatada”, levantaram-se inicialmente 274 lexias, cuja análise semântica estendeu a 300 itens, devido à polissemia, perfazendo os brasileirismos cerca de 10% do total dos arabismos dicionarizados na obra de Vargens (2007).

Assim como os arabismos de *Ataliba, o vaqueiro* (CASTELO BRANCO, 2012), os substantivos constituíam a maioria das formas documentadas, entretanto, em percentual maior: 89,1 % (contra 66% em *Ataliba, o vaqueiro*). Por outro lado, adjetivos e verbos eram menos representados, com os percentuais de 7,3% e de 3,3%, respectivamente, quando na obra piauiense perfazem 16% de adjetivos e 18% de verbos. Em um intervalo de cerca de 130 anos, a derivação aumentou o número de arabismos na língua portuguesa.

Sobretudo a designação popular da fauna e da flora nativas do Brasil resultou na criação de numerosos compostos, os quais, com efeito, somam 127 itens lexicais e constituem 46,3% dos brasileirismos de origem árabe; seguidos de 78 formas derivadas, equivalentes a 28,5% dos vocábulos, e apenas 62 formas básicas ou 22,6% do total. Lembremos que, dentre

os arabismos documentados em *Ataliba, o vaqueiro* (CASTELO BRANCO, 2012), sequer ocorrem formas compostas, constituindo as formas básicas 57% do total e as derivadas, 43%. A composição é um processo mais simples e responsável pela criação lexical então analisada, aparentemente com o intuito de especializar os seres vivos numa classificação popular das espécies.

Em Sousa e Maranhão (2016, p. 65-76) figuram, a título de exemplo:

Açoita-cavalo – s.m. Nome de árvores do gênero *luhea*, da família das tiliáceas, cuja madeira serve para edificações e imobiliário

Algodão-bravo – s.m. Designação de duas plantas brasileiras, da família das malváceas e das concolvuláceas.

Algodão-cravo – s.m. Butuá-de-corvo.²

Algodão-da-praia – s.m. Planta brasileira, da família das malváceas, de flores amarelas, utilizadas na ornamentação; algodoeiro-da-praia.

Algodão-de-açúcar – s.m. Algodão-doce.

Algodão-do-brejo – s.m. Fanfã.³

Algodão-do-mato – s.m. Butuá-de-corvo; algodoeiro-do-mato.

Algodão-rana – s.f. Planta amazonense, da família das malváceas *Pavonia paniculata*, utilizada na indústria têxtil.

Algodoeiro-do-campo – s.m. Butuá-de-corvo.

Algadoim – s.m. Algodãozinho.⁴

Papagaio-roxo – s.m. Maitaca-roxa.⁵

Papagaio-caboclo – s.m. Papagaio-peito-roxo.

Papagaio-campeiro – s.m. Ave psitacíforme, da família dos psitacídeos *Amazona ochrocephala* (Gmel.), cujo *habitat* é o NO do Brasil e países limítrofes.

Papagaio-curraleiro – s.m. Papagaio-peito-roxo.

Papagaio-da-serra – s.m. Ave psitacíforme, da família dos psitacídeos *Amazona preteri* (Tem.), cujo *habitat* é o Uruguai e S do Brasil.

² Conforme Houaiss (2001), arbusto da família das bixáceas (*Coclospermum insigne*), nativo do Brasil, encontrado de PE a MG, em SP e no C.-O.)

³ Planta (*Hibiscus bifurcatus*), segundo Houaiss (2001).

⁴ Tecido de algodão, leve ou de baixa qualidade, de acordo com Houaiss (2001).

⁵ Ave da família dos psitacídeos (*Pionus menstruus*), encontrado da Costa Rica à Bolívia e ao SE do Brasil, de acordo com Houaiss (2001).

Papagaio-de-coleira – s.m. Anacã.⁶

Papagaio-do-mangue – s.m. Ave psitacíforme, da família dos psitacídeos *Amazona amazônica* (L), cujo *habitat* é o N e C do Brasil e países limítrofes.

Papagaio-do-peito-roxo – s.m. Psitacíforme, da família dos psitacídeos *Amazona vinacea* (kuhl.), cujo *habitat* é o S e E do Brasil.

Papagaio-grego – s.m. Papagaio-verdadeiro.

Papagaio-poaieiro – s.m. Papagaio-do-mangue.

Papagaio-urubu – s.m. Periquito-urubu.

Papagaio-verdadeiro – s.m. Psitacíforme, da família dos psitacídeos *Amazona aestiva* (L.), cujo *habitat* é o E do Brasil.

Sobre os campos semânticos em que se organizam os brasileirismos,

A análise dos campos semânticos pelos quais se distribuem os arabismos europeus com usos próprios do Brasil aponta predomínio do campo semântico da flora e agricultura (94 itens ou 31,3% do total), seguido da culinária (31 itens, 10,33% do total) e da fauna, pesca, pecuária e montaria (com 30 itens, perfazendo 10% do total das formas analisadas). Verificaram-se campos variados, como o de instrumentos musicais, de instrumentos e utensílios, de unidades de peso e medida, de coletivos e grandes quantidades, de geografia e acidentes geográficos, de substâncias medicinais, químicas ou de perfumaria, de engenharia, construção e habitação, de vida social, dentre outros. (SOUSA E MARANHÃO, 2016, p. 78-79)

Os brasileirismos integravam 28 campos semânticos, alguns dos quais coincidindo com os em que se organizam os empréstimos árabes de *Ataliba, o vaqueiro* (CASTELO BRANCO, 2012), a exemplo da fauna, agricultura e habitação, com destaque, dentre aqueles, para termos de áreas técnicas, como unidades de peso e medida, medicina, química e engenharia, não verificados no texto piauiense.

Diferentemente dos arabismos identificados em *Ataliba, o vaqueiro*, cujo conteúdo semântico é frequentemente o mesmo com que foi adquirido no Medievo, os arabismos com marcação diassistêmica de uso regional, do português do Brasil, adquiriram novas acepções, muitas das quais metafóricas e jocosas. Encontram-se, em Sousa e Maranhão (2016, p. 65-75),

⁶ Ainda conforme Houaiss (2001), ave da família dos psitacídeos (*Deropytus accipitrus*), nativa da AM.

Açougue – s.m. 1. fig. Prostíbulo; 2. fig. Local utilizado para encontros amorosos, geralmente clandestinos.

Alforje – s.m. gír. Nariz grande e chato.

Almofadinha – s.m. Homem que se excede ao se vestir.

Almofadismo – s.m. 1. Elegância exagerada. 2. Modos e atitudes de almofadinha.

Arroz-de-festa – s.m. 1. Indivíduo que não perde festas. 2. Indivíduo que frequenta festas sem ser convidado; peru-de-festa; arroz-doce-de-festa; arroz-doce-de-pagode.

Cabide – s.m. Cavalo magérrimo.

Cabide ambulante – pop. Pessoa macérrima.

Cabide de empregos – Pessoa que tem muitos empregos.

[Garrafa] u.f. Conversar com a garrafa – pop. Ficar embriagado.

Papagaia – s.f. pop. Exibição exagerada; papagaíce.

Incontestemente parece a produtividade dos arabismos da língua portuguesa, adaptando-se ininterruptamente às necessidades comunicativas dos brasileiros, motivo pelo qual o seu uso deve ser sistematicamente investigado por linguistas.

Conclusão

A análise apenas realizada dos arabismos do português brasileiro documentados na obra romântica *Ataliba, o Vaqueiro* (CASTELO BRANCO, 2012), publicada originalmente em fins do século XIX pelo piauiense Francisco Gil Castelo Branco, permitiu-nos retomar as hipóteses, chegando às seguintes conclusões.

De fato, são sobretudo arabismos ibéricos, de antiga integração no sistema lexical da língua portuguesa, com adaptação morfossintática concluída, corroborando a primeira hipótese testada.

Sobre a sua distribuição por diferentes campos semânticos, como do vestuário, o da alimentação, o de utensílios e o de animais, também se pode corroborar a referida hipótese, uma vez que, com efeito, as formas levantadas integram mais de uma dezena de campos semânticos.

Por fim, sobre a maior incidência de substantivos com estrutura mórfica básica, a análise dos dados confirmou esta hipótese, a qual ratifica a origem e o uso de arabismos ibéricos medievais, em que predominam esta categoria gramatical e esta configuração morfológica

(substantivos simples).

Observou-se, ainda, não predominarem acepções regionais, identificadas nos produtos lexicográficos como *brasileirismos*, tratando-se antes de usos iguais aos já documentados no português arcaico.

Novos estudos sobre arabismos do português brasileiro pautados em obras de autores piauienses estão em andamento, para divulgação em breve.

Referências

- CASTELO BRANCO, Francisco Gil. *Ataliba, o vaqueiro*. 10. ed. Teresina: Fundação Quixote, 2012.
- CORRIENTE, Federico. Los arabismos y otras voces médio-orientales del Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 15, n. spe., p. 69-184, dez. 2013.
- CORRIENTE, Federico. *Diccionario de arabismos y voces afines en iberorromance*. 2. ed. ampl. Madrid: Gredos, 2003. [Biblioteca Románica Hispánica, Fundada por Dámaso Alonso, Dictionarios, 22]
- DICMAXI *Michaëlis* Português: moderno Dicionário da Língua Portuguesa, Versão 1.1. Amigo do Mouse Software Ltda., set. 2000. 1 CD-ROM.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. totalmente revista e ampliada. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Lexikon Informática Ltda./Sonopress, 1999. 1 CD-ROM.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0.10. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. 1 CD-ROM.
- MARANHÃO, Samantha de Moura. Arabismos portugueses no contexto multilinguístico da península ibérica medieval. *Caligrama*, v. 23, n. 2, p. 121-143, 2018.
- MARANHÃO, Samantha de Moura. *O registo de arabismos nos dicionários Novo Aurélio Século XXI, Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa e Dicmaxi Michaëlis: moderno dicionário da língua portuguesa*. 2011. 375 f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- MARANHÃO, Samantha de Moura. *Os arabismos nas receitas de medicamentos e nos regimentos relativos à saúde do 'Livro da Cartuxa'*. 1996. 30 f. Trabalho de conclusão da disciplina Contatos Linguísticos na România (Mestrado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- SOUSA, Francisco Barroso de; MARANHÃO, Samantha de Moura. Arabismos europeus no português brasileiro. *Cadernos de Letras da UFF, Dossiê Línguas e Culturas em Contato*, n. 53, p. 61-81, 2016.
- VARGENS, João Baptista de Medeiros. *Léxico português de origem árabe: subsídios para os estudos de filologia*. Rio Bonito: Almadena, 2007.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. Fontes do léxico português: os elementos árabes. In: VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *Lições de filologia portuguesa*. Lisboa: Revista de Portugal, 1956. p. 299-310.

Recebido em 05/10/2019
e aprovado em 22/11/2019.